

Por que a adesão da Ucrânia à OTAN seria uma decisão imprudente

No último ano, na cúpula da OTAN, os Estados Unidos se concentraram **cassino n1bet** melhorar as capacidades de defesa própria da Ucrânia, **cassino n1bet** vez de abordar a possível adesão do país à aliança. Na cúpula da OTAN **cassino n1bet** julho, alguns estão pressionando para que a OTAN traga a Ucrânia significativamente mais perto da adesão, como definindo um processo de adesão para Kiev ou convidando o país a participar desse processo. Qualquer passo nessa direção seria imprudente.

O Artigo 5 da OTAN é amplamente considerado como vinculando os membros da aliança – na prática, sobretudo os Estados Unidos – a ir à guerra para repelir um ataque contra qualquer membro. Se a Ucrânia se juntasse à OTAN após a atual guerra, os EUA e seus aliados seriam entendidos como se estivessem comprometendo a lutar contra as forças russas na Ucrânia, caso a Rússia invada novamente. Refletindo um consenso político amplo, Joe Biden descartou o uso direto da força militar dos EUA desde o início da invasão **cassino n1bet** grande escala e censurável da Rússia há dois anos. O governo reconhece que a segurança e o bem-estar dos Estados Unidos não estão implicados na guerra atual **cassino n1bet** tal grau que justificariam a intervenção militar direta dos EUA. De fato, tanto o presidente dos EUA quanto o ex-presidente Donald Trump advertiram que o conflito poderia se transformar **cassino n1bet** "Guerra Mundial III". Por essa mesma razão, os Estados Unidos não devem ir à guerra contra a Rússia pela Ucrânia hoje, não devem se comprometer a ir à guerra contra a Rússia pela Ucrânia no futuro.

Alguns alegam que o ato de trazer a Ucrânia para a OTAN dissuadiria a Rússia de invadir a Ucrânia novamente. Esse é um pensamento ingênuo. Desde que a Rússia começou a invadir a Ucrânia **cassino n1bet** 2014, os Aliados da OTAN demonstraram através de suas ações que não acreditam que os interesses **cassino n1bet** jogo na guerra, embora significativos, justifiquem o preço da guerra. Se a Ucrânia se juntasse à OTAN, a Rússia teria razão para duvidar da credibilidade da garantia de segurança da OTAN – e ganharia a oportunidade de testá-la e potencialmente desfazê-la. O resultado poderia ser uma guerra direta entre a OTAN e a Rússia ou o desmanche da própria OTAN.

Aser a adesão da Ucrânia à OTAN é um favor aos ucranianos que estão lutando corajosamente pela **cassino n1bet** independência. Quanto mais a OTAN se aproxima de prometer que a Ucrânia se juntará à aliança assim que a guerra terminar, maior será o incentivo para a Rússia continuar a guerra e matar ucranianos a fim de adiar a integração da Ucrânia à OTAN. A Ucrânia enfrenta escolhas difíceis de enorme consequência para seu futuro. Os ucranianos merecem pesar suas opções estratégicas através de olhos claros, não através de óculos cor-de-rosa mantidos por outsiders que não têm o apoio de seus países.

Os desafios que a Rússia apresenta podem ser gerenciados sem trazer a Ucrânia para a OTAN. Mover a Ucrânia **cassino n1bet** direção à adesão à aliança pode piorar a situação, tornando a Ucrânia o local de um confronto prolongado entre as duas potências nucleares líderes do mundo e atendendo ao narrativa de Vladimir Putin de que está lutando contra o Ocidente na Ucrânia, **cassino n1bet** vez dos ucranianos. O propósito da OTAN não é demonstrar estima por outros países; é defender o território da OTAN e fortalecer a segurança dos membros da OTAN. A admissão da Ucrânia reduziria a segurança dos Estados Unidos e dos aliados da OTAN, com risco considerável para todos.

Assinaturas

James Acton, Carnegie Endowment for International Peace
Aisha Ahmad, University of Toronto
Robert J Art, Brandeis University
Emma Ashford, Stimson Center
Andrew Bacevich, Quincy Institute for Responsible Statecraft
Doug Bandow, Cato Institute
George Beebe, Quincy Institute for Responsible Statecraft
Daniel Bessner, University of Washington
Brian Blankenship, University of Miami
Rachel Bovard, Conservative Partnership Institute
Dan Caldwell, Defense Priorities
Jasen J Castillo, Bush school of government, Texas A&M University
Ed Corrigan, Conservative Partnership Institute
Daniel Davis, Defense Priorities
Daniel R DePetris, Chicago Tribune and Defense Priorities
Michael C Desch, University of Notre Dame
Monica Duffy Toft, Fletcher school of law and diplomacy, Tufts University
Jeffrey Engel, Southern Methodist University
Benjamin Friedman, Defense Priorities
John Allen Gay, John Quincy Adams Society
Eugene Gholz, University of Notre Dame
Peter Goettler, Cato Institute
Kelly A Grieco, Stimson Center
Mark Hannah, Institute for Global Affairs
Peter Harris, Colorado State University
David Hendrickson, Colorado College
John C. Hulsman, John C Hulsman Enterprises
Van Jackson, Security in Context and Victoria University of Wellington
Jennifer Kavanagh, Defense Priorities
Edward King, Defense Priorities
Charles Kupchan, Council on Foreign Relations and Georgetown University
Anatol Lieven, Quincy Institute for Responsible Statecraft
Jennifer Lind, Dartmouth College
Justin Logan, Cato Institute
Lora Lumpe, Quincy Institute for Responsible Statecraft
Sumantra Maitra, American Ideas Institute and Center for Renewing America
Daniel McCarthy, Modern Age
John Mearsheimer, University of Chicago
Arta Moeini, Institute for Peace and Diplomacy
Samuel Moyn, Yale University
Lindsey A O'Rourke, Boston College
George Perkovich, Carnegie Endowment for International Peace
Paul R Pillar, Georgetown University
Patrick Porter, Cato Institute and University of Birmingham
Barry Posen, Massachusetts Institute of Technology

Christopher Preble, Stimson Center

Daryl G Press, Dartmouth College

William Ruger, American Institute for Economic Research

John Schuessler, Bush school of government, Texas A&M University

Joshua Shiffrin, school of public policy, University of Maryland

Peter Slezkine, Middlebury Institute of International Studies at Monterey

Reid Smith, Stand Together

Marc Trachtenberg, University of California, Los Angeles

Kelley B Vlahos, Responsible Statecraft

Will Walldorf, Defense Priorities and Wake Forest University

Stephen M Walt, Kennedy school of government, Harvard University

Jim Webb, ex-senador e Notre Dame International Security Center

Stephen Wertheim, Carnegie Endowment for International Peace

Christian Whiton, Center for the National Interest

Gavin Wilde, Carnegie Endowment for International Peace

William Wohlforth, Dartmouth College

Resumo: Parlamento Europeu

O Parlamento Europeu é a ramificação legislativa da União Europeia e uma das três principais instituições da bloco, juntamente com a Comissão Europeia, a ramificação executiva, e o Conselho Europeu, composto por ministros dos governos dos 27 estados membros.

Estrutura e funções

O Parlamento Europeu está sediado principalmente **cassino n1bet** Bruxelas, Bélgica, mas realiza sessões regularmente **cassino n1bet** Estrasburgo, França. É o único órgão da UE **cassino n1bet** que os representantes são eleitos diretamente, e os membros do parlamento (MEPs) aprovam leis que se aplicam **cassino n1bet** todo o bloco. Para que qualquer legislação seja implementada, o conselho e o parlamento devem concordar.

Um dos papéis mais crucial do parlamento é aprovar a composição da comissão, que é responsável pela direção política do maior bloco comercial do mundo, e tem a palavra final sobre quem será nomeado presidente da comissão. Atualmente, o cargo é ocupado pela alemã Ursula von der Leyen, que busca um segundo mandato no comando.

O parlamento também tem a palavra final sobre os bilhões de euros alocados no orçamento da UE. Ele desempenha um papel fundamental **cassino n1bet** assuntos importantes, como o orçamento, o comércio e as sanções a estrangeiros. Além disso, o parlamento pode congelar objetivos internacionais importantes, como um acordo de investimento mútuo entre a UE e a China, que está **cassino n1bet** espera enquanto alguns MEPs estão sob sanções da China.

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: **cassino n1bet**

Palavras-chave: **cassino n1bet - symphonyinn.com**

Data de lançamento de: 2024-09-11